

O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Preço avulso: 25\$00

Somos mais um jornal que aparece em Fão. O 9.º pela ordem cronológica se os nossos ficheiros não erram. O primeiro a aparecer foi o Fãozense e o último, o Fangueiro.

É de todos sabido que os jornais em Fão têm soçobrado por falta de meios, o que nos leva a concluir que se torna muito difícil ser jornal numa terra pequena. Ele vive essencialmente dos seus assinantes

EDITORIAL

que pelos motivos mais fúteis devolvem o jornal à procedência. Basta por vezes não mencionar o aniversário de uma pessoa de família; suspeitar-se atingido por qualquer noticiário; não concordar com qualquer editorial: a devolução será a primeira resposta.

Pensamos no entanto que os fanguieiros tudo devem fazer para «aguentar» um jornal na terra. Trata-se de mais uma

(Cont. da pág. 2)

PADRE AVELINO BORDA

No último dia 3 comemorou sessenta anos de vida sacerdotal este ilustrado filho de Fão. Naturalmente que O Novo Fangueiro saúda tão festiva e rara efeméride com todo o respeito que lhe merece a figura do P.º Avelino Borda.

Trata-se de uma personalidade onde podemos discernir duas componentes muito vincadas. Sacerdote de conduta irrepreensível tem realizado o seu munus sem desvios, sem motivos para quaisquer críticas, dentro de uma linha tradicionalista. É no entanto como homem de Fão, como fangueiro dedicado que o reverendo Padre Avelino Borda mais se tem imposto na terra.

Figura polémica? Sem dúvida. É na exacta dimensão da palavra um bairrista, uma pessoa que ama verdadeiramente Fão e daí o aparecer inserido na resolução dos problemas locais com toda a força da sua personalidade, defendendo posições (a sua verdade) que logicamente criam os seus oponentes.

Nesta terra os vários casos, ou melhor, os factos locais são vividos apaixonadamente e logo dividem a população ao meio. A priori as pessoas não são umas contra as outras mas seguem correntes, aderem a processos com os quais e pelos quais melhor pensam servir o burgo. É fatal que imediatamente após ou concomitantemente as questões fulanizam-se, as pessoas amuam e a freguesia entra em choque. Chama-se a isto excesso de bairrismo.

Quando acima afirmámos que o Padre Avelino era uma pessoa polémica, queríamos tão só afirmar que se interessa pelos problemas da terra, que os vive como fangueiro, que não se refugia nas fáceis pantufas do comodismo. Muito embora as suas convicções não sejam unanimemente aceites é inquestionavelmente uma pessoa com carisma, que se respeita e admira.

Não seria esta a altura azada para um jantar da unificação?

A. SARAIVA

O PRESIDENTE DA JUNTA

Ao lançarmos o primeiro número de O Novo Fangueiro impunha-se ouvir Luís Viana para que nos desse

FALA A «O NOVO FANGUEIRO»

conta das obras que estão a fazer-se em Fão e sobretudo quais as que se perspectivam no futuro. Disse-nos o actual Presidente da Junta:

— No que respeita a obras em curso, quero referir os ajardinamentos que se estão a processar e a terminar, quer no Continental quer no Bom Jesus. A rede pública vai continuar nas ruas Azevedo Coutinho e Pio Rodrigues. Temos ainda a próxima pavimentação dum caminho que vai do lugar da Arroiteia até ao cemitério.

— E quanto a realizações futuras?

— É nossa vontade abrir uma escola nas Pedreiras que deve funcionar já em Outubro. O terreno existe na rua de Angola e agora é só uma questão de edifício que pode ser um pré-fabricado. Ainda referente ao ensino vamos ter o pré-primário a funcionar com duas salas no edifício Amorim Campos.

(Continua na pág. 2)



Zé Luís Ribeiro, D. Zita Saraiva, Dr. Armando Saraiva, Dr. José Augusto Madureira, Arq. Pádua Ramos e José Madureira (o grupo fundador de O NOVO FANGUEIRO)

Desporto

por ZÉ LUÍS RIBEIRO

Como vai o Futebol

Sendo O Novo Fanguero um jornal que irá debruçar-se sobre tudo o que se relaciona com Fão vou hoje falar do desporto que se faz na nossa terra. Por isso o nosso primeiro artigo vai incidir sobre a colectividade que desta matéria mais se ocupa na vila e que é precisamente o Club Futebol de Fão.

Com um historial já longo o C.F.F., fundado em 25-12-1957, conheceu como todas as outras colectividades momentos brilhantes e outros menos bons. À sua história estão ligados nomes de grandes fangueros, natos e adoptivos que deram um contributo decisivo à boa continuidade desta agremiação que já ombreou

a nível futebolístico com grandes equipas actualmente a militar nos escalões mais altos do futebol nacional, casos do Gil Vicente, Famalicão, Vizela, Arcos e outros. Pelas suas fileiras passaram jogadores que atingiram (e atingem ainda) bom plano em outras equipas já mais credenciadas, casos do Chico Glória, Zé Albino, etc.,

De há uns anos a esta parte que o C.F.F. tem vivido os piores momentos da sua existência e a causa principal é, quanto a nós, o alheamento da população local. Na realidade o desinteresse que se faz sentir traz as direcções desunidas e incapazes de enfrentar todos os problemas que se põem ao longo da época.

O futebol actual já não sobrevive só com o «amor à camisola»; ele deve existir, sim, mas acompanhado de estruturas básicas como a existência de material desportivo suficiente, apoio à volta dos directores, um técnico competente, etc., estruturas estas que se não verificam actualmente.

Por isso o Fão tem sobrevivido com o credo na boca, aparecendo sempre no último momento autênticos carolas que à custa de muitos sacrifícios da sua vida particular se recusam a deixar acabar tão importante colectividade. Este raciocínio aplica-se ao que hoje se está a passar. Depois de lamentáveis divisões e até demissões o clube ficou entregue a três ou quatro fangueros que indiferentes a todos os juízos têm levado com grande sacrifício e empenho a sua missão a bom termo.

Estes dirigentes, por isso, merecem a consideração do povo fanguero porque na realidade obstaram ao pior dos

males que era a extinção do clube, ou, na melhor das hipóteses, um surgir de mais e maiores problemas.

Com este atribulado início não era de esperar grandes proezas da equipa de futebol, mas, mesmo assim, não é uma época desastrosa; ao contrário encontra-se o Fão no meio da tabela classificativa da respectiva divisão.

Não podemos finalmente deixar de dar uma palavra de apreço aos jogadores que constituem a equipa; todos eles são 100% amadores, o que a nível de regional de 2.ª vai sendo uma raridade.

Como o campeonato está já no fim, resta-nos desejar que no próximo ano se faça de novo a união de todos os fangueros e que apareça uma lista de dirigentes capazes de levar o C.F.F. onde ele realmente deveria estar porque em Fão há homens capazes para isso, quer nas outras agremiações, quer no próprio clube.

Editorial

(Cont. da pág. 1)

instituição que deve ser estimada e ajudada como os Bombeiros, como o Hospital, Cantina, Clubes e tudo o que o bairrismo fanguero já produziu. Pelas suas características próprias será o eco de todos os acontecimentos e pelos séculos fora, a memória de toda uma vivência epocal. Ao mesmo tempo constitui uma força, um catalizador de vontades, será a expressão, um porta voz de uma maneira de querer estar no mundo: à fangueira. Acima de tudo deve ser uma pedagogia. Pedagogia da convivência, da fraternidade, da tolerância, da unidade.

Estes enunciados inculcam-se nos nossos propósitos. Por isso apelamos aos conterrâneos para que conservem o seu jornal.

Em regra mensário, o Novo Fanguero poderá ser eventualmente quinzenário; com quatro páginas por número, poderá atingir igualmente as seis. O caso de hoje constitui uma excepção. Trata-se em suma de um jornal que tem abertas as suas páginas a todos os fangueros. Aceitamos e agradecemos toda a colaboração.

E agora: Alea jacta est.

O DIRECTOR

† Arminda Ferreira da Cunha Costa FALEOEU

Após longa doença, faleceu em Fão a Sr.ª D. Arminda Ferreira da Cunha Costa, esposa do Sr. Abel da Costa. Embora sofrendo de um final que não perdoa, esta morte emocionou toda a freguesia pois o casal Abel da Costa era vivamente estimado na terra.

No funeral da inditosa senhora estiveram várias corporações de bombeiros bem como inúmeras pessoas do Porto e sobretudo de Fão.

Pelas inúmeras provas de solidariedade recebidas o nosso amigo Abel da Costa deu-se conta, sem dúvida, da muita estima que a vila lhe dedica e de quanto o passamento de sua Esposa foi sentido pelos seus muitos amigos. Oxalá possa encontrar na terra o lenitivo bastante que o ajude a suavizar o momento difícil por que está a passar.

O PRESIDENTE DA JUNTA FALA A «O NOVO FANGUEIRO»

(Cont. da pág. 1)

— Mas isso não vai atrasar o tão decantado infantário?

— Não há incompatibilidade. São duas coisas diferentes.

E prosseguiu:

— Vai-se pavimentar e iluminar a Avenida Beira Rio. O saneamento é uma outra obra que se impõe urgentemente em Fão e eu penso que os trabalhos poderão iniciar-se em Setembro próximo para algumas ruas de Fão.

Continuou:

— Um bairro social de trinta habi-

tações vai ser uma realidade na vila. Já foi aberto concurso e o custo da obra atinge os 73 mil contos. É uma coisa para breve. Outra obra que está no nosso pensamento é o alargamento do cemitério local no sentido sul e que pensamos vai ser uma realidade dentro de algum tempo. Já iniciámos também conversações para alargar o caminho de Santo António e os proprietários dos terrenos mostram-se sensibilizados a tal ideia. Aliás eles só lucram com isso.

Enfim uma mão cheia de promessas e em prazos mais ou menos definidos. Resta-nos aguardar.

HOTEL DO PINHAL



Na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de OFIR e frente ao belo estuário do Rio Cávado, situa-se o HOTEL DO PINHAL, disfrutando de uma vista panorâmica das mais belas do país.

A escassos minutos a pé, estende-se o vasto areal da praia de OFIR, beneficiando assim o HOTEL DO PINHAL de um excepcional e particularmente saudável ambiente, ideal para o repouso, em que se reúne a fragrância dos pinheiros ao ar marítimo, impregnado de iodo.

OCORRÊNCIAS DO MÊS

● Com grande acompanhamento foi a enterrar no dia 20, vindo directamente do Hospital S. João, no Porto, onde faleceu, Alípio Sebastião da Silva Carlos, de 25 anos, que há pouco mais de dois meses havia sofrido grave acidente automobilístico, em Apúlia, de onde foi transportado em estado de coma para aquela unidade hospitalar.

Precisamente há quatro anos havia perdido a sua noiva, Maria José Mota, de 20 anos, também vítima de um acidente na estrada, logo após ter saído da fábrica Ofitex, onde trabalhava.

Por ironia do destino a esposa do malagrado Alípio, Dolores Devesas Alves, igualmente há quatro anos viu o seu noivado interrompido por o seu noivo de então, Manuel Esteves Moreira, de 20 anos, haver sofrido grave acidente que lhe causou a morte.

Uma série trágica de acidentes que ceifou três jovens, de certo modo ligados entre si, em plena mocidade.

● No dia 15 do passado mês de Abril foi transportado de urgência ao hospital de Barcelos José Gomes da Silva (Zé Carneiro) onde foi operado de urgência, encontrando-se já em recuperação.

Desejamos rápidas melhoras.

A gerência da MITUR — Sociedade Turística do Minho, Lda., a quem muito recentemente foi entregue a gestão do HOTEL DO PINHAL, e a cuja propriedade os seus membros estão intimamente ligados desde a sua construção, pretende chamar, a atenção, para este lugar paradisíaco, de todos quantos se interessem pelo turismo em Portugal.

Para isso, promoverá uma campanha de relançamento do HOTEL DO PINHAL, com preços extremamente vantajosos, aproveitando o período da Páscoa, para dar oportunidade, ao turista nacional e ao da vizinha Galiza, de visitarem a mais bela região do nosso país.

O HOTEL DO PINHAL, com a sua centena de quartos, inteiramente equipados, é uma unidade de primeira categoria (3 estrelas), possuindo restaurantes panorâmicos com especialidades tradicionais minhotas, bares e salões para festas, congressos ou reuniões de 10 a 500 pessoas, anfiteatro para televisão com ecrã de projecção, ténis, piscinas para adultos e crianças, no meio de amplos jardins e relvados.

Agora dirigido directamente pelos

proprietários, pretende manter as características familiares nortenhas, tornando-se contudo o melhor dentro do seu estilo e classe.

Para além das citadas vantagens de que dispõem, os hóspedes do HOTEL DO PINHAL poderão ainda, a partir de OFIR, efectuar inúmeras visitas a outros lugares turísticos de renome, tais como: Alto Minho e Galiza (75 km); Parque Nacional do Gerês (75 km); Porto (45 km); Braga (35 km); Viana (25 km); Póvoa-Casino (15 km).

O HOTEL DO PINHAL fica a uns escassos 35 km do aeroporto internacional de Pedras Rubras, de onde e para onde os clientes são levados em transporte privativo do hotel, se assim pretenderem.

Sem necessidade de utilizar o automóvel, todos os desportos náuticos de rio e mar são possíveis, e ainda belos passeios a pé ou a cavalo, através do pinhal ou da praia.

Finalmente, membro aliado da Apavt, a nova gerência desenvolverá as melhores relações com os agentes de viagens, a quem, desde já, solicita colaboração.

Bombeiros em foco

Em Março último completou dez anos de exercício activo no comando dos Bombeiros de Fão o nosso amigo Fernando Maria do Pilar (Fernando Pierra).

Dado tratar-se de um elemento muito dedicado, a Direcção da Benemérita corporação pensa comemorar condignamente a efeméride. Ser-lhe-á entregue uma medalha de prata, em data que deve coincidir com a inauguração do carro de nevoeiro recentemente adquirido. A nova viatura que terá o nome de Manuel Pinheiro Borda já se encontra no quartel mas precisa de ser devidamente legalizada, o que demorará uns dias.

Pela mesma altura será dado o nome de Abel da Costa à sala convívio dos Bombeiros. Entretanto pensa-se criar uma bi-

blioteca e um pequeno museu no edifício do quartel.

E assim é lógico que os actuais directores pensem ampliar o actual edifício sede para o que pensam adquirir a casa ao lado e que pertence à Família Pires Galfem.

ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

O décimo aniversário do 25 de Abril também aqui foi comemorado: de manhã realizaram-se algumas provas de atletismo e de tarde houve música popular no Cortiçal e ainda a exibição do Rancho Folclórico «As Lavradeiras de Rio Tinto». Foi com agradável surpresa que vimos actuar este grupo folclórico e fazemos sinceros votos para que os garbosos rapazes e as donzelas moças riotintenses continuem a contar por êxitos as suas actuações.

FANGUEIRADAS

por DIAS COSTA

Nos tempos do Crochet e do Bilhar Russo...

Claro (ou clarinhas?) que foram há muitos anos os tempos do crochet e do bilhar russo. Mas eram assim as noites do Clube Fãozense, ele também já um «respeitável velhinho» de 84 anos. No período de Verão, quando os turistas começaram a ser atraídos pelo dinamismo do eng.º Sousa Martins, sempre incansável na tarefa de mostrar Fão ao resto do mundo. De dia, se a nortada deixava, ia-se para a praia, sem biquini, com «tudo» tapado. Se o vento soprava, o recurso era (ainda é) o refúgio no pinhal, então não «ocupado» pelas muitas casas que, lá pelo meio, já hoje existem. E à noite, depois do jantar servido na casa alugada por cada um ou na pensão (do senhor Maia?), era a vez do convívio no Fãozense. De que se falava? Não me lembro. Mas tenho a certeza de que não eram temas de conversa os perigos ecológicos no Cá-

vado ou as ameaças do «dia seguinte». E o que se dizia saía a meia com o dedilhar rápido das agulhas do crochet(elas) e o som das tacadas no bilhar dos mecos e dos buracos (russo, por quê?).

Fão era então invadida por muitas famílias, «lideradas» pelos Sampaio e Castro. Lembro-me de algumas viagens até Fão-Ofir, no Citroen-arrastadeira, com o saco de carvão na mala! Porque andava a gasogéneo! O génio da inventiva energética de então!

Hoje, a população de 2.500 fangueiros, numa freguesia criada pela reforma de 1835, sobe de número no Verão, mercê dos «flutuantes» de Inglaterra e da Galiza.

O Fãozense tem já muitos «rivais» para a vida nocturna. Tudo é diferente dos anos quarenta.

Mas... estas «Fangueiradas» já vão longas. Desculpem, mas vou ali à praia tomar um banho de mar frente aos «cavalos». Depois, comer umas clarinhas. E «já» volto...



E mais uma vez, a festa acabou...

(Continuado da pág. 8)

calças, que felizes elas estavam, e eu estava por elas também!

E depois dava entrada a Bandal! Era importante! Tantos acompanhantes! E cá dentro, o meu coração batia ao compasso da música e era capaz de alinhar por eles.

E as quinquilharias chegavam e as mulheres das roscas e do doce branco e daquelas cestinhas que sempre nos ofereciam e que eram muito boas de lambar (o resto deitava-se fora onde ninguém visse!)

E na segunda-feira, a Procissão? Ah, andava-se muito (eu queria andar muito!), mas tenho também uma triste recordação. Nem sei se diga, mas não há nenhum ano que não me lembre! — Eu ia vestida de «anjinho». Vestido bonito e com umas asas brancas! Não sei se alguém já experimentou, mas aquilo magoa, pelo menos a mim, magoava-me muito, quase não podia respirar, mas eu tudo sofria, tinha medo que me tirassem as asas... Além das asas e duma cabeleira postiça, bo-

nita, de caracóis, eu levava também uma taça de prata que segurava com ambas as mãos e que tinha um pão dentro. Eu não sabia o que aquilo significava, mas sentia que ia bem! Comigo ia também o meu irmão mais velho, bem vestido, roupas lindas, brancas e vermelhas — ia de Coração de Jesus! Estava eu a admirá-lo, quando ele, com certeza para me arrelhar, me diz, muito sério, ajeitando o coração que estava um pouco ao meio: «Tu vais de Santo Trigo!»

Oh, não! Que ofensa, meu Deus e como chorei! Eu conhecia muitos nomes de santos, mas esse não podia ser! Quase já nem queria ir na Procissão — taça para um lado, pão para o outro. Aquilo não se fazia! Magoou-me muito mais que as asas!...

Enfim, recordações, recordações! Já tudo vai muito distante, mas ainda hoje me alegro quando os meus filhos me vêm com a notícia de que chegou uma barraca, de que os paus das bandeiras estão a erguer-se.

É verdade, apesar de há muito ter deixado de ser criança, eu sinto estas coisas a tocar ainda dentro de mim!...

ZINHA

Festividades em honra do Senhor de Fão

Decorreram bem as festas. Sobre-tudo houve bom tempo, embora com aquele susto de domingo à tarde. Um fogo muito nutrido e variado.

Depois aquele tapete de flores na rua das Pedreiras a demonstrar mais uma vez a canseira e o bom gosto daquela gente. O espírito brioso da rua das Pedreiras é imortal.

Finalmente o sempre lindo tapete do mosteiro do Bom Jesus, levado a efeito mais uma vez pelos Irmãos Matias. Eles são já uma legenda viva da tradicional romaria do Senhor Bom Jesus de Fão. Eles podem estar no fim do mundo, com os trabalhos mais prementes em mãos que no sábado da Pascoela cá aparecem.

Parabéns à moçada da Comissão.

Homenagem devida ao Dr. Sampaio e Castro

Ainda se recorda com nítida clareza, na memória de todos os fangueiros, a figura saudosa do Dr. Sampaio e Castro que bem podemos considerar a personagem paradigmática do banhista de Fão.

Começando a aparecer na nossa terra nos distantes anos 30, a chegada da Família Sampaio e Castro como que simbolizava a abertura da época balnear entre nós, tal a assiduidade, a constância e a permanência com que nos visitava na época veraneja. E no Outono, mais precisamente nos princípios de Outubro, não eram poucas as pessoas que se juntavam na estrada, junto à paragem da «Camioneta de Viana», para vê-los partir, em jeito de despedida sau-

dosa, correndo logo célere em Fão o boato, «já se foram», querendo com isto significar que a época de banhos estava encerrada e que Fão voltava à pacatez normal.

Foi mercê do entusiasmo e calor com que esta simpática Família defendia as belezas de Fão que muitos banhistas foram para aqui encaminhados, tornando-se frequentadores assíduos da praia de Fão. Era assim feita uma propaganda a modos de «porta a porta», porventura mais eficaz e persuasiva do que as modernas técnicas do marketing.

O Dr. Sampaio e Castro foi dos primeiros banhistas, cremos que foi mesmo o primeiro, a comprar casa em Fão, tendo outros seguido o seu exemplo. Com residência entre nós todas as férias passaram aqui a ser feitas e com o andar dos tempos só os dias úteis eram vividos no Porto. Bonacheirão mas ao mesmo tempo prudente, alheava-se intencionalmente das tricas em que esta terra tropeça a cada passo e a tudo e a todos procurava ajudar conquanto que isso não acarretasse prejuízos para terceiros. A sua presença onde quer que estivesse infundia respeito e também nível e nesse aspecto o Clube Fãoense acatava-o como verdadeiro anfitrião.

Sempre ao serviço da terra que adoptou como sua, fundou e foi dirigente do «Grupo dos Amigos de Fão», juntamente com o Doutor Santos Júnior, Capitão Larcher, Álvaro Machado e o Dr. Frankelin Nunes. A este grupo, entre outras iniciativas se deve a pri-



meira pavimentação da estrada da Bonança que então não passava de um caminho de areia.

Fixando-se definitivamente em Fão, no ocaso da vida, este fangueiro adoptivo deixou testamentado que o seu corpo repousaria para sempre no semitério local, sinal inequívoco de quanto esta terra lhe era muito querida.

Numa altura em que se invoca o nome de alguns fangueiros para patrocinarem ruas do burgo, constitui um acto de inteira justiça, um preito de gratidão e homenagem dedicar uma rua local ao nome do Dr. Manuel Sampaio e Castro. Os fangueiros não costumam esquecer quem deles nunca se esqueceu.

A. S.

As Escolas são notícia

1. CAMPANHA DE LIMPEZA E EMBELEZAMENTO DA VILA

Integrada na sua Programação Anual, levou a Escola Primária a efeito a Campanha em epígrafe com o principal objectivo de sensibilizar a população para o problema.

Assim, foram realizadas as seguintes acções:

— Reunião de Pais para informação do que se pretendia.

— Arranjo e embelezamento dos átrios e recintos circundantes dos 2 edifícios, com o apolo da Junta de Freguesia, dos Encarregados de Educação e outros.

— Trabalhos de expressão escrita e plástica realizados nas turmas.

— Emissão de um autocolante alusivo, cujo motivo foi seleccionado entre trabalhos de exp. plástica dos alunos.

— Elaboração de um desdobrável subsidiado pela Câmara Municipal, que brevemente será distribuído junto dos restaurantes, hotéis, casas comerciais...

2. ACÇÕES SUBSEQUENTES

— Aproveitando o produto da venda do autocolante, pôde ser realizado no passado dia 4 de Abril um Passeio de Estudo à Estação Agrícola de Vila do Conde, às Instalações da Agros e às macelras de Aguçadoura, no qual tomaram parte, gratuitamente, todos os alunos, transportados em 2 autocarros alugados e nas 2 carrinhas privadas da Santa Casa da Misericórdia de Fão e da Câmara Municipal de Espoende, amavelmente cedidas para o efeito.

O Mundo em que vivemos

As crianças continuam a ser tema inextinguível de notícias, na maioria das vezes lamentáveis. É assim que catalogamos a reportagem feita pelo «Jornal de Notícias» em Arouca, onde foi encontrar pelo menos 15 crianças deficientes mentais tratadas de forma inadequada e, nalguns casos, cruel: um pequenito que fica o dia inteiro sentado numa cadeira, à qual o prende uma tábua e ainda amarrado pelas mãos e pelos pés, roendo, como único «entretenimento», a madeira da tábua que o oprime... Uma outra deficiente, Ana Cristina, de 6 anos, que há pouco tempo ainda pesava... 5 quilos! Deficiente, cega, e faminta, exprimindo-se por sons inarticulados, veio a encontrar assistência no Centro So-

cial Rainha D. Mafalda. E quantos outros casos, uns que nem se conhecem e outros para os quais ainda não foi achada solução.

Como nos sentimos perante estas crianças torturadas pelo desamor, pela ignorância, pela miséria daqueles que as fizeram vir ao mundo e as rejeitam depois porque incapazes?

Até quando? Que é feito dos «Direitos da Criança»? Que foi feito no Ano Mundial da Criança?

Quando é que as palavras se transformam em acção salvadora, em decidida e firme eficiência?

E. REAL

PUBLICIDADE

Notariado Português

Cartório Notarial de Gondomar

A cargo da Notária Licenciada

Maria Filomena Donas Botto Saraiva de Aguiar Pinto Ferreira

É fotocópia parcial que vai em conformidade com a parte reproduzida, extraída para efeitos de publicação, da escritura de 19 de Abril de 1984, exarada de fls. 37 verso a fls. 41, do Livro n.º 44-D, das notas deste Cartório, na qual foi constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos adiante indicados:

Cartório Notarial de Gondomar, aos dezanove de Abril de mil novecentos oitenta e quatro.

A Ajudante,
Manuel Nogueira

Art.º 1.º—A sociedade adopta a denominação de MITUR-SOCIEDADE TURÍSTICA DO MINHO, LIMITADA e tem por objecto a exploração de hotéis, hotéis-apartamentos, motéis, estalagens, parques de campismo, restaurantes, cafés, similares e outros estabelecimentos de comidas e bebidas, casinos e similares, instalações balneárias, aluguer de equipamento desportivo e diversos serviços recreativos;

Art.º 2.º—A Sociedade tem a sua sede no Hotel do Pinhal, em Ofir, Fão, concelho de Esposende;

Art.º 3.º—É indeterminada a duração da sociedade, contando-se o seu início a partir de hoje;

Art.º 4.º—O capital social que se acha inteiramente realizado em dinheiro é de

TRÊS MILHÕES DE ESCUDOS, e está dividido em sete quotas, sendo uma de um milhão cento e vinte e cinco mil escudos, pertencendo à representada dos primeiros outorgantes, Sociedade Industrial do Vouga, Limitada, outra de quinhentos e vinte e cinco mil escudos, pertencendo à sócia Maria Angelina Saraiva Soares e cinco quotas de duzentos e setenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos restantes sócios José Virgílio, Marla Vitória, José Casimiro, Aníbal Francisco e Maria Angelina Albuquerque Saraiva Soares Pinto Monteiro;

Art.º 5.º—É livremente permitida a cessão total ou parcial de quotas entre sócios; porém, a cessão total ou parcial a favor de estranhos dá à sociedade o direito de opção em primeiro lugar e aos sócios em segundo lugar, tendo preferência aquele que melhor proposta apresentar;

Art.º 6.º—A partir de um de Janeiro de mil novecentos oitenta e cinco qualquer sócio tem o direito de se afastar da sociedade avisando esta com a antecedência mínima de três meses, ficando a sociedade com a obrigação de lhe comprar a sua quota pelo valor real com base em balanço contabilístico efectuado na altura da comunicação de desistência à sociedade, podendo, contudo, cedê-la ao sócio ou sócios que se encontrarem interessados, ou mesmo estranhos, nas condições expressas no artigo quinto deste pacto;

§ ÚNICO)—A Sociedade fará a respectiva liquidação em duas prestações semestrais iguais, sem juros;

Art.º 7.º—A gerência dos negócios sociais, dispensada de caução, fica afecta aos sócios ou não sócios que forem nomeados em assembleia geral. Os gerentes representarão a sociedade e fica-lhes expressamente proibido assinar em nome da sociedade letras de favor, fianças ou quaisquer documentos a ela estranhos, salvo por acordo unânime dos sócios;

§ PRIMEIRO)—O gerente que contrariar a última parte deste artigo responderá

individualmente pela obrigação que houver assumido;

§ SEGUNDO)—A sociedade obriga-se pela assinatura de dois gerentes em conjunto podendo qualquer dos gerentes delegar os seus poderes de gerência mediante procuração;

§ TERCEIRO)—Os actos de gerência que envolvam a aprovação de orçamentos previsionais anuais, nomeadamente investimentos e ordenados dos gerentes e procuradores, carecem de prévio parecer favorável da assembleia geral, ou de um delegado por esta nomeado especialmente para este efeito, não podendo este delegado, se o houver, acumular esta função com a de gerente ou procurador;

Art.º 8.º—Os supratentos de que a caixa carecer poderão ser feitos por qualquer dos sócios, mediante juro máximo legal anual;

Art.º 9.º—Os balanços serão anuais e fechados com data de trinta e um de Dezembro; os lucros líquidos apurados, depois de retirada a percentagem de cinco por cento para Reserva Legal, terão o destino que a assembleia geral determinar;

Art.º 10.º—No caso de falecimento, interdição ou inabilitação de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros do falecido, e/ou os representantes legais do interdito ou inabilitado, devendo aqueles escolher entre si o que os representará na sociedade;

Art.º 11.º—Em caso de dissolução e liquidação da sociedade todos os sócios são liquidatários, devendo proceder à liquidação e partilha como se acordar; na falta de acordo haverá licitação verbal entre todos para o activo e passivo serem adjudicados em globo ao que oferecer maior preço e melhores condições de pagamento.

Art.º 12.º—As assembleias gerais, quer ordinárias, quer extraordinárias funcionarão na sede social, e, salvo nos casos para que a lei prescreva prazos ou formalidades especiais serão convocadas por cartas registadas expedidas aos sócios com aviso de recepção com a antecedência mínima de quinze dias;

Art.º 13.º—Os sócios, comprometem-se a não requerer aposição de selos ou arrolamentos nos haveres sociais, seja qual for o fundamento Invocado, ainda mesmo o de dissolução; se, porém, não obstante este compromisso, requererem tais diligências, pagarão aos outros sócios, como pena livremente convencionada, uma importância igual ao valor da respectiva quota, além de responderem, pelas perdas e danos que causarem à sociedade.



**ENTRE PINHAL E MAR,
JUNTO AO RIO...**

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nessa soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de todo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(para Contactos pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 - 4700 BRAGA - TELEF. 75777

Assistência Clínica no Hospital

Pode dizer-se com uma certa pontinha de orgulho que o hospital se Fão dispõe hoje de um corpo clínico que sobremaneira honra a terra e permite uma cobertura médica que não só dá atendimento permanente como ainda criou certas especialidades que logicamente dispensam consultas nas grandes cidades que custavam tempo e dinheiro. Como atrás referimos, o hospital assegura uma assistência clínica vinte e quatro horas por dia a cargos dos clínicos: Dr. Carvalho Matos, dr. José Albino e dr.^a Margarida Reis Saraiva.

Foi esta uma medida altamente vantajosa para a terra pois não vão longe os dias em que se procurava um médico para uma doença súbita e não havia. Já não se fala na raiva que as pessoas (fangueiros) sentiam quando viam a ambulância dos bombeiros transportar doentes a outras terras porque o «seu» hospital não dispunha de médico.

A equipa cirúrgica conta com os seguintes clínicos:

Cirurgia:

Dr. Queirós de Faria
Dr. António F. Torres
Dr. Horácio Faria

Anotomopatologista:

Dr. Saleiro e Silva

Anestesiasta:

Dr. Ribeiro dos Santos

Ortopedia:

Dr. Mário Coelho Menezes
Dr. António Augusto Faria Alves

Otorrinolaringologia:

Dr. António José Peres dos Santos

Cardiologia:

Dr. Rocha Gonçalves

Esta secção dispõe de um desfibrilador cardíaco com monitor que é um moderno e custoso aparelho que permanece dados muito precisos sobre o estado hígido do doente.

Obstetria:

Dr. Manuel António Dias Fráguas
Dr. Alexandre Rangel Pamplona
Dr.^a Arminda Areias

Actualmente ocorre no Hospital de Fão uma média de 30 partos/mês.

Pediatria:

Dr.^a Herédia Guimarães Areias

Gastroenterologia:

Dr. Jorge Areias

Estomatologia:

Dr. Marcelino Lopes Anjo
Dr. António José Novais

No próximo número abordaremos o problema do infantiário.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORADORES:
Armando Saralva
Zinha
E. Real
Dias Costa
Zé Luís Ribeiro

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual 350\$00

PREÇO AVULSO: 25\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295-672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovar para o nosso país, feita em moldes modernos utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade. Enriquécida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentam de cada edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é a mais abrangente obra de léxico de língua portuguesa, com mais de 100 mil palavras e 10 mil locuções estrangeiras e de termos técnicos e científicos.

EDITORA EDITORA, LDA.
Livraria ARNADO, LDA.
RUA L. RUMENSE, LDA.

Rua do Farol, 155-157, 4100 PORTO
Rua Roberto Ivens, 903, 4750 MATOSINHOS
Rua S. João, 100, 4400 PÓVOA DE VARZIM

Da minha varanda

E mais uma vez, a festa acabou...

Hoje, ainda a vivo, mas que saudade do meu tempo de criança!...

Eu gostava da Páscoa! Arranjava-se a casa por dentro, caíava-se por fora. Depois vinha a Cruz que se beijava, de joelhos, família reunida, mas muito depressa, muito depressa... De tudo isto restava uma saquinha de amêndoas que tinha de durar, não se podia comer tudo de uma vez pois além de fazer mal, era preciso não ser guloso. E a saca durava!

Mas, isso sim, eu estava preparada para a festa, a grande festa do Senhor Bom Jesus que vinha a seguir! E quando soavam os primeiros foguetes (eu sempre tive medo deles), como eles ecoavam dentro de mim! Cá dentro eu sen-

tia tudo a cantar, a dançar, que contente eu ficava!

Não tardava muito que aparecesse a primeira barraca e esse era um grande acontecimento a que eu tinha de assistir forçosamente, ainda que me custasse uma sova. Paciência! Às meminas muita coisa estava vedade...

E lá chegava ela! E como eu corria! Aquelas caras já me eram conhecidas e, do meu canto, um pouco arredada e talvez envergonhada, eu assistia ao tirar as coisas do camião, camião fraco, velho e cansado, eu sabia que era! E de lá saíam meia dúzia de tarecos, uma vassoura velha, uma trocha mal atada de roupa pouco cuidada, uns tachos queimados, amassados. A mercadoria, a que ia ser vendida, essa vinha mais aconchegada, embora espreitasse, aqui ou ali, um pau de um moinho de vento que eu já imaginava depois de bonitas cores, um carrinho de madeira, uma cabeça de boneca (e que linda!), mas essa eu não devia ter. Eu acho que me faziam falta umas panelinhas de folha e um fogão. Sim, eu ia pedir isso, era melhor!

E a barraca começava a ser montada com a ajuda da mulher e dos filhos, caras tristes, rostos cansados, roupas estafadas. E eu, antes de me retirar (estava visto já), pedia intimamente a Deus que eles tivessem coisas bonitas e fizessem muito negócio...

E mais um camião vinha depois — era o arraial! Que alegria, eu nem cabia em mim de contente! E era obrir os buracos para meter os paus das bandeiras, e era o grande escadote para as pendurar, e eram as lâmpadas para pôr (Deus queira que não fundissem muitas) e era outra barraca e mais outra, esta última a das Panelinhas! Oh, sim, esta era uma barraca das importantes e para

mim a festa tinha grande valor com esta barraca!

E o tempo ia passando. E vinha então um carro antigo, carregado de fios e discos! Também já cá faltava!

E rapidamente, fio para baixo, fio para cima, liga ali, puxa acolá, aí estava uma voz que se fazia ouvir por todo o lado: «Alô! alô! um, dois, um dois! Muito boa tarde minhas senhoras e meus senhores! A Casa Soucasaux de Barcelos tem muita honra em abrilhantar estas festas e saúda Vossas Excelências».

Que bem! Que bem!

Estava tudo a correr pelo melhor! E eu não tinha paração! Que horas seriam? Deviam estar a chegar! Ao pé da Ponte eu não podia ir, era muito longe, mas eu tinha de as esperar...

E mais foguetes!

Pronto, já chegaram! Eram elas! Elas? Mas elas quem?

Parece impossível! — As «arunazonas»!

Eu tinha grande atracção por aquela família. Admirava já o Pai, todo imponente na sua altura, fato preto de cerimónia, laço ao pescoço, charuto na ponta dos dedos! E a mãe? Ah, essa também ia muito bem no seu vestido de flores, cabelo apanhado, bolsa no braço enquanto o outro segurava um raminho de flores, que de tempo a tempo era levado até ao nariz! Admirava-os a rodopiar ao som dos «tramboleiros» e da gaita de foles, mas, por vezes a Senhora caía... e eu ficava triste, pois jazia no chão por longo tempo e era preciso uma grande ajuda para a erguer! Só não entendia bem como daquele casal tão respeitável, os filhos eram assim cabeçudos e mal arranjados, quase sempre descalços... Realmente não combinavam bem, mas eu queria era festa, alegria, movimento e não podia estar agora preocupada com estes problemas.

E o tempo passava, e as camionetas ao pé da casa do Sr. Rufino despejavam as raparigas da minha terra que eram criadas de servir al-gures e que vinham, bonitas, roupas a estrear, para passar as festas! E o que elas dançavam naquela cangosta! Poeirada no ar, já meias des-

(Continua na pág. 4)

interrogação

Onde está a coragem dos caídos a caminho da MORTE?
 para onde foi a esperança das vencidos na luta contra a SORTE?
 o que é feito da força desse DEUS que não altera nada?
 Já nem ALÁ nem JEOVÁ nem ZEUS conseguem demover esta manada e o MAR já não se abre como outrora e a MONTANHA já não nos dá conselhos e os APÓSTOLOS estão já gastos e velhos já ninguém reza já ninguém adora os cansados vão destruindo a vida e os que a amam são já heróis sem glória porque a vida está curta e está falida dos valores que nos legou a HISTÓRIA desamparados, CRISTOS moribundos de CRUZ às costas vamos dia a dia em busca de outros céus de outros mundos de uma outra mão na nossa mão vazia onde está a alegria dos meus olhos na escuridão do tempo?
 para onde foram todos esses sonhos que eu vi em pensamento?
 que é feito da ternura da pureza do amor da lealdade da afecção de toda a humanidade que eu sentira? dol-me a traição estrebuchado em esterco e lama e do que me ensinaram só há fama afinal existir é uma mentira?

AVENÇA  PORTE PAGO	«O NOVO FANGUEIRO» FÃO
--	---------------------------